

Capítulo I

Os Dois Poetas de Saffron Park

O bairro de Saffron Park ficava a poente nos arredores de Londres, tão vermelho e esfarrapado como uma nuvem do poente. Fora construído todo ele de um tijolo de cor viva, formando uma silhueta fantástica e um plano um tanto extravagante. Resultara do impulso de um especulador imobiliário, com vagas ambições artísticas, que chamava à sua obra arquitectónica, às vezes, «isabelina» e, às vezes, «Rainha Ana», aparentemente movido pela impressão de que as duas soberanas eram idênticas. O bairro era considerado com certa justiça uma colónia de artistas, embora nunca nele tivesse sido produzida arte em qualquer acepção habitual da palavra. No entanto, apesar de as suas pretensões a centro intelectual serem um tanto vagas, as suas pretensões a constituir um lugar agradável eram indiscutivelmente justificadas. O estranho que via pela primeira vez aquelas pitorescas casas vermelhas não podia deixar de pensar que teriam de ser habitadas por pessoas extremamente curiosas. E, nessa medida, não se sentiria decepcionado ao deparar com os seus moradores. O lugar era não só agradável, mas também perfeito, sobretudo para quem fosse capaz de o ter por um sonho, em vez de um logro. Ainda que os moradores não fossem «artistas», o bairro, no seu conjunto, era sem dúvida artístico. Este jovem com o seu ruivo cabelo comprido e o seu rosto descarado — este jovem não era realmente um poeta, mas era com certeza um poema. Este velho cavalheiro com a sua descuidada barba branca e o seu chapéu branco descuidado — este venerável charlatão não era realmente um filósofo, mas era pelo menos ocasião de filosofia para os outros. Este cavalheiro que parecia um cientista, com

a sua cabeça calva em forma de ovo e o seu pescoço de pássaro, não tinha de facto o direito a fazer-se passar por cientista. Em biologia não descobrira nada de novo, mas que criatura biológica seria capaz de descobrir outro ser tão singular como ele próprio? Tal era a maneira, a única maneira, de conceber adequadamente o bairro no seu todo. Teria de ser considerado não tanto como uma oficina de artistas, mas antes como uma frágil, se bem que consumada obra de arte. Aquele que entrasse na atmosfera da sua sociedade sentir-se-ia como se tivesse entrado numa peça de teatro.

A força de atracção desta irrealidade era especialmente sensível ao anoitecer, quando os telhados extravagantes se recortavam obscuramente no fulgor do sol já posto e toda aquela espécie de aldeia insensata parecia tão isolada como uma nuvem errante. Era uma impressão que se tornava mais forte por altura das numerosas noites festivas locais, quando os pequenos jardins se iluminavam e grandes lanternas chinesas se acendiam nas árvores baixas como monstruosos frutos bravos. E tornou-se mais forte do que nunca numa certa noite em particular, ainda vagamente lembrada na localidade, que teve por herói o poeta de cabelo ruivo. Mas não foi ele o único herói da noite. Quem passasse durante o serão pelo seu jardim das traseiras podia ouvir amiúde a sua voz alta e didáctica ditar a lei aos homens e, em particular, às mulheres. A atitude das mulheres nessas ocasiões era um dos paradoxos do lugar. Aquelas pertenciam na sua maioria a essa espécie de mulheres vagamente ditas emancipadas e professavam o seu protesto contra a supremacia masculina. E contudo, essas mulheres modernas mostravam-se sempre dispostas a oferecer ao poeta essa insólita deferência de o escutar enquanto ele fala, que nenhuma mulher normal tem para com um homem. E Mr. Lucian Gregory, o poeta de cabelo avermelhado, era realmente (de certo modo) um homem que valia a pena escutar, por mais que no fim as suas palavras só pudessem dar vontade de rir. Entoava a velha canção da anarquia da arte e da arte da anarquia com certa frescura impudente, que era pelo menos causa de algum prazer momentâneo. Ajudava-o, em certa medida, a excentricidade impressionante da sua aparência, cujos recursos, como costuma dizer-se, ele cultivava e valorizava plenamente. O seu cabelo de um ruivo escuro, dividido por uma risca ao meio, era literalmente como o de uma mulher, ondulado pelos suaves anéis de uma virgem num quadro pré-rafaelita. Mas deste enquadramento oval quase sagrado, irrompia bruscamente um rosto largo e brutal, com o

queixo espetado num trejeito de desdém plebeu. Esta combinação bastava para apavorar e excitar instantaneamente os nervos de uma população neurótica. Parecia uma blasfêmia andante, uma mistura de anjo e de macaco.

Aquela noite particular, ainda que mais nada houvesse, seria localmente recordada pelo seu estranho pôr-do-sol. Dir-se-ia que se aproximava o fim do mundo. O céu inteiro parecia recoberto de uma plumagem rebrilhante e palpável; era como se se pudesse dizer que o céu se enchera de penas, e de penas que quase tocassem os rostos. Havia cinzentos percorrendo toda a abóbada celeste, cheios das mais estranhas tonalidades de violeta e malva, e também de um rosa de artifício ou verde pálido; mas, a oeste, o conjunto tornava-se indescritível, transparente e apaixonado, e as últimas plumas de um vermelho de fogo cobriam o sol como se este fosse demasiado belo para poder ser visto. Tudo isto, tão próximo da Terra que se diria exprimir um violento mistério. O próprio firmamento parecia um segredo. Exibia essa esplêndida pequena dimensão que é a alma do patriotismo local. O céu inteiro parecia pequeno.

Já disse que alguns dos habitantes nunca se esqueceriam dessa noite que mais não fosse pelo seu céu opressivo. Outros hão-de recordá-la, todavia, porque foi nela que pela primeira vez apareceu no bairro o segundo poeta de Saffron Park. Durante muito tempo o revolucionário de cabelo vermelho reinara sem rival. Foi à hora do poente que de súbito essa condição solitária se quebrou. O novo poeta, que se apresentou com o nome de Gabriel Syme, era um ente que aparentava extrema timidez, com a sua barba loura aparada em ponta e o seu fino cabelo amarelado. Mas tinha-se a impressão de que era menos manso do que parecia. Marcou a sua presença discordando do poeta estabelecido, Gregory, acerca da natureza da poesia. Disse que ele (Syme) era um poeta da lei, um poeta da ordem; disse, ainda mais, que era um poeta da respeitabilidade. Ao fazê-lo, todos os habitantes de Saffron Park o olharam como se tivesse acabado de cair do impossível céu que os cobria.

Com efeito, Mr. Lucian Gregory, o poeta anarquista, associou os dois acontecimentos.

— Podia muito bem ser — disse do modo súbito que lhe era próprio —, podia muito bem ser que, numa noite de nuvens e cores cruéis como esta, apareça na Terra um prodígio semelhante, fazendo-se passar por um poeta respeitável. Você diz que é um poeta da lei;

eu digo que você incorre numa contradição nos termos. Só me pergunto como foi possível você aparecer neste jardim sem ser acompanhado por cometas e terremotos.

O homem de mansos olhos azuis e barba clara aparada em ponta suportou estes trovões com uma certa solenidade resignada. O terceiro membro do grupo, Rosamond, irmã de Gregory, cujas tranças embora com o mesmo tom ruivo que as do irmão, emolduravam um rosto mais suave, riu com a mesma mescla de admiração e reprovação que costumava manifestar perante o oráculo da família.

Gregory manteve com bom humor a elevação do seu tom oratório.

— Um artista é igual a um anarquista — exclamou. — Pode dispor os termos pela ordem que quiser. Um anarquista é um artista. O homem que atira uma bomba é um artista, uma vez que prefere um grande momento a tudo o mais. Entende que uma explosão de luz ofuscante, o estrondo de um trovão perfeito, vale muito mais do que os vulgares meros corpos de uns quantos polícias informes. Um artista despreza todos os governos, abole todas as convenções. O poeta não encontra prazer senão no caos. Se não fosse assim, a coisa mais poética do mundo seria a linha do metropolitano.

— E é — disse Mr. Syme.

— Disparates! — disse Gregory que se tornava muito racional quando alguém que não ele ensaiava o paradoxo. — Porque é que todos os empregados e os operários que vão nos comboios têm um ar tão triste e cansado? Eu digo-lhe: é porque sabem que o comboio vai na direcção certa; é porque sabem que há-de chegar ao sítio para onde compraram o bilhete; é porque, depois de terem passado Sloane Square, sabem que a próxima estação tem de ser Victoria, e nada mais do que Victoria. Oh, que êxtase entusiástico, oh que brilho de estrelas nos seus olhos, oh que regresso ao paraíso nas suas almas, se a estação seguinte inexplicavelmente viesse a ser Baker Street!

— Que falta de sentido poético, o seu! — replicou o poeta Syme. Se o que está a dizer dos empregados é verdade, eles só podem ser tão prosaicos como a poesia que você escreve. O que é raro e estranho, é acertar no alvo; o óbvio, o banal, é falhar. Sentimos qualquer coisa de épico quando um homem fere à distância uma ave por meio de uma flecha tosca. Mas não será também épico que alguém chegue a uma estação distante por meio de uma máquina tosca? O caos é muito aborrecido; porque no caos o comboio pode ir realmente seja para onde for, tanto para Victoria como para Bagdad. Mas o homem é um

mago, e toda a sua magia é nisto que está: quando diz Victoria, vamos ver e é de facto Victoria! Não, fique você com os seus livros de prosa e poesia e deixe-me ler com lágrimas de orgulho um horário dos comboios. Leve o seu Byron, que comemora as derrotas do homem, e deixe-me um horário de comboios como o Bradshaw, que comemora as suas vitórias. Deixe-me o Bradshaw, é o que eu lhe digo!

— Tem de ir andando? — perguntou sarcasticamente Gregory.

— O que eu lhe digo — continuou Syme cheio de paixão — é que cada vez que um comboio chega a horas, sinto que conseguiu atravessar as linhas de fogo inimigas e que venceu uma batalha contra o caos. Você diz desdenhosamente que, depois de sairmos de Sloane Square, sabemos que a seguir vamos chegar a Victoria. E eu digo que em vez disso poderiam acontecer mil coisas diferentes, e por isso, quando realmente lá chego, tenho a impressão de ter escapado por um cabelo. E quando ouço o revisor gritar a palavra «Victoria», essa palavra não deixa de ter sentido. Para mim, representa o brado de um arauto que anuncia a conquista. Para mim, «Victoria» é realmente a vitória de Adão.

Gregory sacudiu a cabeça pesada e ruiva, esboçando um sorriso triste e suave.

— E mesmo então — disse ele —, nós, os poetas, fazemos sempre a mesma pergunta: o que é a Victoria depois de lá termos chegado? Você acredita que Victoria é a Nova Jerusalém. Sabemos que a Nova Jerusalém só poderá ser como Victoria. Sim, o poeta será um descontente até nas ruas do Céu. O poeta será sempre um rebelde.

— Outra vez — disse Syme com irritação. — O que é que a revolta tem de poético? Você podia igualmente dizer que é poético estar enjoado a bordo. O enjoo é uma rebelião do estômago, é uma revolta. Tanto uma coisa como outra, estar-se enjoado ou ser-se um rebelde, podem ser o que há de mais saudável em certas ocasiões desesperadas, mas que me enforcem se vejo nelas seja o que for de poético. A revolta em abstracto é revoltante. Não passa de um vômito.

A rapariga franziu por um instante a testa ao ouvir uma palavra tão desagradável, mas Syme estava demasiado exaltado para dar por isso.

— As coisas serem como devem ser — exclamou ele —, é isso que é poético! As nossas digestões, por exemplo, feitas silenciosa e religiosamente como deve ser, aí está o fundamento de toda a poesia. Sim, a coisa mais poética, mais poética do que as flores e do que as estrelas, a coisa mais poética do mundo é não estarmos doentes.